

# **EM TEMPOS DE GUERRA: Josué de Castro e as políticas públicas de alimentação no Estado Novo**

Helder Remigio de Amorim\*

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo problematizar a trajetória de Josué de Castro em instituições de pesquisa voltadas para o campo da alimentação durante o Estado Novo. A atuação de Josué de Castro nessas instituições colaborou para a publicação de uma das suas obras mais conhecidas, *Geografia da Fome* (1946). Naquele momento histórico Josué de Castro transcendeu as fronteiras do mundo acadêmico, não apenas na atuação como técnico de instituições alimentares, mas como homem público que, por meio dos seus escritos, buscou atrelar a problemática da fome à competência do Estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Josué de Castro; Fome; Alimentação; Estado Novo.

## **In times of war: Josué de Castro and the public food policies in the New State**

**ABSTRACT:** The objective of this article is to problematize the trajectory of Josué de Castro in research institutions focused on the field of food during the Estado Novo. The work of Josué de Castro in these institutions collaborated to publish one of his best known works, *Geography of Hunger*. In that historical moment Josué de Castro transcended the frontiers of the academic world, not only in his role as a technician of food institutions, but as a public man who, through his writings, sought to link the problem of hunger to the competence of the State.

**KEYWORDS:** Josué de Castro; Hunger; Feeding; New State.

## **En tiempos de guerra: Josué de Castro y políticas públicas de poder en Estado Nuevo**

**RESUMEN:** El propósito de este artículo es discutir el camino de Josué de Castro en las instituciones de investigación dedicados al campo de la energía durante el Estado Nuevo. El trabajo de Josué de Castro en estas instituciones contribuyó a la publicación de una de sus obras más conocidas, *geografía del hambre*. En ese momento histórico Josué de Castro ha trascendido los límites del mundo académico, no sólo en calidad de directivo de las instituciones de los alimentos, sino como un hombre público que, a través de sus escritos, trató de aprovechar el problema del hambre a la jurisdicción del Estado.

**PALABRAS CLAVE:** Josué de Castro. El hambre. Alimentos. Nuevo Estado.

\*Doutor em História pela Universidade de Federal de Pernambuco. Professor da Universidade de Pernambuco (Campus Santo Amaro – Recife). Contato: Universidade de Pernambuco, Av. Gov. Agamenon Magalhães, S/N - Santo Amaro, 50100-010, Recife - PE, Brasil. hra1901@gmail.com.

O trabalho do historiador parte do presente e busca por meio do fazer historiográfico uma interpretação sobre o passado. As indagações do presente são as janelas para (re) construir os fragmentos desse passado, por meio de documentos, vestígios que são os fios dessa representação escrita. Recentemente a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) divulgou um relatório que foi veiculado em jornais do mundo inteiro afirmando que: “O Brasil tem hoje 3,4 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, o que corresponde a 1,7% da população nacional. Essas estatísticas colocam o país na lista de nações que superaram o problema da fome”<sup>1</sup>.

A fome, sensação que traduz o desejo, a necessidade de comer, foi compreendida por Josué de Castro a partir de uma perspectiva histórica e social. A fome e a alimentação, como desejamos empregar nesse capítulo, é atrelada à razão de Estado, à práticas culturais, mas também à lógica dos sistemas econômicos. Adquire formas diversas, de acordo com as condições históricas. Suas razões são complexas, mas assume a face da escassez de víveres; da miséria, da pobreza e da morte. Estima-se que “cerca de 805 milhões de pessoas no mundo, uma em cada nove, sofrem de fome”<sup>2</sup>.

O combate à fome no Brasil foi influenciado, em grande medida, por experiências desenvolvidas no país entre as décadas de 1940 e 1960, por organizações, universidades, centros de pesquisa e por intelectuais que se dedicaram aos estudos de segurança alimentar, nutrição, e estratégias de combate à fome e a pobreza. A publicação de *Geografia da Fome* (1946) de autoria de Josué de Castro – momento histórico em que a fome e a alimentação se tornaram uma demanda social – traz uma série de discussões em âmbito nacional sobre as condições subumanas a que uma parcela significativa da população brasileira estava submetida. O objetivo deste artigo é problematizar a trajetória de Josué de Castro<sup>3</sup> em instituições de pesquisa voltadas para o campo da alimentação e que colaboraram para a publicação de uma das suas obras mais conhecidas.

Desde o período de redemocratização, na década de 1980, os debates em torno das políticas de distribuição de renda, justiça social e cidadania entraram novamente na ordem do dia. Alguns programas sociais como o movimento *Ação da Cidadania contra a Fome*, idealizado pelo sociólogo Herbert de Souza na década de 1990, assim como o programa *Fome Zero* criado durante o governo Lula em 2003, representam as principais experiências. Esses programas permeiam não somente o pensamento de muitos intelectuais que discutiram a relação entre o Estado, população, território e alimentação, mas também significam a

retomada das ideias de Josué de Castro no que concerne aos programas governamentais de segurança alimentar.

Nas próximas páginas, à luz da perspectiva histórica, adentraremos na configuração dos debates em torno da alimentação, da nutrição e da fome nos momentos em que o Brasil se preparava para participar da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), bem como quando, após o conflito, o país recebeu os ares da democracia representativa. A trajetória de Josué de Castro, como um intelectual atrelado às políticas públicas alimentares do Estado, tem uma relação intrínseca com a produção dos seus livros.

O leitor terá contato com um processo dinâmico, no qual Josué de Castro transcende as fronteiras do mundo acadêmico – não apenas na atuação como técnico de instituições alimentares – mas como homem público que, por meio dos seus escritos, buscou atrelar a problemática da fome à competência do Estado.

### **A atuação institucional de Josué de Castro no campo da alimentação e da nutrição.**

Desde a década de 1930 se estabelecem no Brasil debates sobre a implantação de políticas públicas de enfrentamento a fome e a desnutrição. Essas políticas se tornaram demandas sociais no mundo a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e tiveram a influência de pesquisas e estudos da disciplina de nutrologia, que posteriormente se tornou o campo de saber da nutrição. Nesse sentido, foi no período entre guerras que a alimentação passou a ser tratada como uma questão de segurança nacional; os processos de urbanização e industrialização também foram fatores que influenciaram essa demanda no Brasil.

Os médicos brasileiros, por sua vez, foram influenciados pelas escolas de nutrição européias e americanas, mas também pelos estudos do nutrólogo argentino Pedro Escudero da Argentina<sup>4</sup>. No Brasil, entre os pioneiros podem ser citados os nomes de “Annes Dias, Peregrino Júnior, Seabra Velloso, Silva Telles, Moura Campos, Paula Souza, Dutra de Oliveira, Hélio Lourenço de Oliveira, Silva Mello, Olavo Rocha, Alexandre Moscoso”<sup>5</sup>. Mas quem obteve maior evidência foi Josué de Castro. Os seus esforços estiveram concentrados na busca por transformar o tema alimentar em um assunto de interesse nacional. Para isso, além das suas obras que foram publicadas em várias línguas, atuou em diversos organismos nacionais e internacionais que tinham como cerne as questões alimentares. Nesse sentido, no

período que se estende dos anos 1940 até o início dos anos 1960, Josué de Castro esteve próximo das discussões sobre as políticas públicas de alimentação do Brasil.

Em 1940, em pleno Estado Novo, foi criado o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), através do Decreto-Lei nº 05/08/1940<sup>6</sup>. Por meio dessa instituição o Estado brasileiro assume o papel de conduzir uma política que buscasse solucionar o problema demonstrado pelos cientistas, principalmente no que concerne à alimentação da classe operária. A alimentação passa da condição de uma área do conhecimento para se tornar uma política pública. Os vários estudos de intelectuais brasileiros sobre o tema da alimentação e a situação de guerra contribuíram para que a então nutriologia encontrasse um lugar na configuração estatal.

Nesse mesmo ano foi criada a Sociedade Brasileira de Alimentação, que “foi fundada com o fim de promover medidas de caráter científico e social para melhoria dos hábitos alimentares no Brasil”<sup>7</sup>. Essa instituição tinha como membros engenheiros, etnógrafos e médicos em sua maioria, a presidência ficou a cargo de Josué de Castro. A ideia de aproximar alimentação da questão social, bem como de buscar a valorização do homem brasileiro<sup>8</sup> por meio de uma alimentação racional era uma das diretrizes dessa instituição de cunho privado, mas que contribuiu também para uma ação estatal na área da alimentação<sup>9</sup>.

No entanto, houve uma instituição anterior ao SAPS que teve uma vida breve. Em 1939 foi criado o Serviço Central de Alimentação, pelo Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. Essa instituição inicial era dirigida por um Conselho, “formado, em sua maioria, por médicos nutrólogos, tendo à frente Josué de Castro. Esse grupo de cientistas agrega-se à máquina pública<sup>10</sup>”. Helion Póvoa e Dante Costa também faziam parte desse Conselho. Esses estudiosos do campo da nutrição no Brasil passaram a comandar as instituições responsáveis pela execução de políticas públicas alimentares.

O Serviço Central de Alimentação e, principalmente o SAPS<sup>11</sup>, fazem parte de um conjunto de medidas implantadas pelo Estado Novo na área social que juntamente com o controle sindical, tinha como intenção reforçar a imagem de Getúlio Vargas como defensor da classe trabalhadora. Essa política de alimentação está relacionada com a finalidade do Estado, e segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, “na promoção do bem-estar nacional e na realização do bem comum”<sup>12</sup>. Durante o Estado Novo, as demandas relacionadas com o trabalho e com a pobreza foram colocadas em pauta na agenda política brasileira. Inaugurava-se no Brasil um modelo de Estado intervencionista: “Este deveria proteger o homem contra a

fome e a miséria, garantindo-lhe o trabalho como meio de realização pessoal e promoção do desenvolvimento social”<sup>13</sup>.

O Estado Novo, apesar das práticas centralizadoras e intervencionistas, foi fundado sobre as bases da democracia da justiça social. De acordo com o discurso do governo, a liberdade individual era limitada pelos critérios de interesse social. Significava, também, a retomada da ideia de igualdade, compreendida como a igualdade de oportunidades na luta pela vida. O valor contido na ideia de justiça social era exatamente o ideal de respeito ao trabalho e aos frutos do trabalho<sup>14</sup>.

Assim, outras instituições foram criadas, seguindo o quadro de tensões que o mundo atravessava pela eclosão dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. O Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN) foi criado por meio da portaria nº 5/42, de 19/10/1942, e tinha como função principal fornecer orientação técnica para a produção agrícola e para a indústria de alimentos do país. Esse órgão também foi chefiado por Josué de Castro. Nesse momento, ele terá a oportunidade de aprofundar os estudos sobre nutrição e de se aproximar, ainda mais, como homem público, da esfera estatal.

Através do STAN, por exemplo, Josué de Castro e um grupo de nutrólogos lançam a primeira publicação periódica sobre nutrição no país: os Arquivos Brasileiros de Nutrição. A revista, fruto de um convênio com a Nutrition Foundation, de Nova Iorque, permite a divulgação dos avanços da ciência da nutrição no Brasil e tece a supervisão científica de Josué de Castro por vários anos. O STAN, vinculado à Coordenação de Mobilização Econômica criada em 1942, foi um espaço importante para o escritor, na medida em que incorpora também a produção industrial de alimentos<sup>15</sup>.

Essas articulações institucionais, concomitantemente às atividades acadêmicas e de divulgação científicas, favoreceram a formação da imagem de Josué de Castro como uma autoridade em relação ao campo de saber da nutrição no Brasil, colaborando para que se engajasse em projetos de Estado<sup>16</sup>. Nesse momento, há uma aproximação de Josué de Castro com o projeto de desenvolvimento da indústria brasileira implementado por Getúlio Vargas<sup>17</sup>. No processo de formação de um estado intervencionista no Brasil, houve uma forte aproximação com o empresariado brasileiro. O Estado Novo tinha como preceito reconhecer o capital, a propriedade privada e a importância da livre iniciativa empresarial<sup>18</sup>. A indústria de alimentos estava na confluência das relações com o Estado.

Desse modo, o STAN era um órgão governamental que visava fortalecer a indústria de alimentos no país, no momento em que o Brasil se incluía entre os participantes da Segunda Guerra Mundial. Segundo a socióloga Ana Maria Castro, na medida em que o STAN

contribuía para o fortalecimento da indústria alimentícia no Brasil, estava também colaborando para que os aliados pudessem ter sucesso na guerra<sup>19</sup>. Assim, “desse órgãos participaram representantes dos empresários e especialistas do próprio governo. A política era eliminada, tudo se discutia como se tratasse de um assunto puramente técnico, a ser decidido por especialistas”<sup>20</sup>.

### **Alimentação no Brasil em tempos de guerra**

A experiência das duas grandes guerras contribuiu para o surgimento de um novo homem, de uma nova experiência com o tempo. O utilitarismo daquele mundo gerou dor e sofrimento. Mas, a tecnologia avançou substancialmente e os meios de comunicação, as armas de destruição em massa seguiram o mesmo caminho. Para os países envolvidos no conflito, era preciso buscar a velocidade no processo de destruição do inimigo: “a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda uma economia para a sua produção”<sup>21</sup>. A alimentação se tornava uma política pública controlada pelo Estado e um importante mecanismo de controle da população.

Durante a Segunda Guerra Mundial houve um agravamento do problema alimentar no mundo. Uma campanha internacional, que tinha como preceito buscar alternativas para eliminar o flagelo da desnutrição no mundo, teve início na Conferência Nacional de Alimentação convocada pela Liga das Nações<sup>22</sup>, em *Hot Springs*, nos Estados Unidos, em 1943. Participaram dessa reunião aproximadamente quarenta países que “se comprometeram a apagar do mapa demográfico mundial as manchas negras representando núcleos de populações subnutridas e famintas”<sup>23</sup>. A questão alimentar estava fortemente presente na agenda pública<sup>24</sup>.

Mas, estava também em pauta a alimentação dos combatentes que participaram da Segunda Guerra Mundial. A máquina de guerra precisava estar abastecida por alimentos para levar à frente as estratégias dos estadistas. O investimento na indústria de alimentos e em pesquisas voltadas para a fabricação de rações desidratadas para os soldados também foi introduzido no Brasil.

Durante o Estado Novo (1937-1945), o governo brasileiro promoveu uma série de iniciativas para a modernização das Forças Armadas, principalmente a partir de 1942 quando o Brasil se aliou aos Estados Unidos<sup>25</sup>. Esse processo de modernização envolveu o auxílio

técnico americano não apenas nos armamentos, mas também em áreas estratégicas como a alimentação das tropas. Nesse momento, de um acordo diplomático entre Brasil e Estados Unidos para marcharem juntos na guerra, Josué de Castro como missivista do governo brasileiro quando chefiava o Serviço Técnico de Alimentação Nacional, realizou uma visita aos Estados Unidos, conforme noticiou o periódico *A Noite*: “O prof. Josué de Castro, da Universidade do Brasil e chefe do STAN, acaba de regressar dos Estados Unidos, onde esteve a convite do governo norte - americano<sup>26</sup>, estudando os mais modernos aspectos dos problemas de alimentação e nutrição humana”<sup>27</sup>.

**Figura 1:** Josué de Castro em Miami em 1943



Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias.

Uma visita oficial aos Estados Unidos, em tempos de guerra, trouxe uma série de contribuições para as políticas do Estado brasileiro no campo da alimentação. Nessa missão Josué de Castro trouxe para o Brasil a possibilidade da criação de um Instituto de Tecnologia Alimentar, uma estratégia que unia a expansão da indústria de alimentos com as políticas estatais de abastecimento das tropas. A fotografia registra uma das primeiras missões oficiais de Josué de Castro. O contato com instituições internacionais contribuiu substancialmente para criação de novas redes que posteriormente foram fundamentais para a publicação e circulação das suas obras. Apesar dos poucos indícios da fotografia acima, o cuidado em registrar as missões oficiais, demonstra a preocupação que tinha de produzir imagens de um intelectual de Estado. Sobre o problema alimentar e a situação de guerra, afirmou Josué de Castro ao periódico *A Noite*<sup>28</sup>:

Graças a vitória da técnica, soldado norte-americano continua sendo o mais bem alimentado do mundo. Claro que, para manter esse *standart* de nutrição de suas tropas, as populações civis se privam de luxos e excessos, tendo sua alimentação, em parte, racionada. (...) Cheguei a conclusão insofismável de que a alimentação racionada do povo norte-americano, na atual emergência da guerra, é muito melhor e muito mais racional do que a de todos os outros países do mundo em tempo de paz. Para manter esta alimentação perfeita dos exércitos das Nações Unidas, os Estados Unidos têm o maior interesse em apoiar os planos de ampliação e de racionalização da produção de alimentos dos seus aliados, de acordo com as recomendações da Conferência de *Hot Springs*. O Brasil é um dos países de maiores possibilidades de produção de alimentos e, portanto daqueles que poderão prestar maior auxílio nesse esforço hercúleo de bem alimentar metade do mundo<sup>29</sup>.

Em um mundo tecnicista e utilitarista, muitos intelectuais serviram ao Estado em missões que atrelavam os seus campos de saber às demandas da guerra. O discurso de Josué de Castro demonstra interesse pela organização e racionalidade do campo da alimentação, que se tornava uma demanda social, mas também um interesse econômico estratégico que visava favorecer a economia dos Estados Unidos. Josué de Castro constrói um discurso de Estado que tinha como intuito representar a proximidade do Brasil com os aliados, especialmente com os Estados Unidos. Em outras palavras a violência do capitalismo de guerra tinha como cerne a preocupação com a produção e com o lucro. Nessa mesma entrevista, um pouco mais adiante, relata a importância da desidratação dos alimentos:

Procurei observar e proceder uma seleção dos atuais processos de tecnologia alimentar, com o fim de aplicar alguns deles às condições peculiares do Brasil. Há dois grandes grupos de processos técnicos que vêm desenvolvendo espantosamente nos Estados Unidos, em função das necessidades da guerra: - os processos de refrigeração e os processos de desidratação de alimentos. (...) Visitei um grande número de fábricas de desidratação em diferentes regiões do país, familiarizando-me com os diferentes tipos de aparelhos usados e chegando à conclusão de que muitos deles podem ser fabricados inteiramente no Brasil. (...) Visitei estabelecimentos onde se produz diariamente toneladas de alimentos desidratados, que são embalados em condições especiais para suportarem os diferentes tipos de climas, onde ora têm lugar as operações militares dos Exércitos norte-americanos. (...) O STAN e o Instituto de Tecnologia Alimentar estarão prontos a fornecer os informes e as especificações técnicas necessárias à instalação dessas novas indústrias, que irão trabalhar dentro de um plano de economia de guerra, de interesse comum dos governos brasileiro e norte-americano<sup>30</sup>.

Josué de Castro alia os seus conhecimentos ao projeto industrial do Estado Novo. A preocupação com a alimentação se intensificava, pois Roosevelt já havia autorizado Getúlio Vargas a formar um corpo expedicionário. O investimento em tecnologia de alimentos não visava apenas a manutenção das tropas brasileiras, mas também a possibilidade de uma reserva técnica para os americanos. Naquele momento histórico, o Brasil passava por um processo de americanização, a chamada “política de boa vizinhança” adotada por Roosevelt

“era o instrumento, de amplo espectro, para execução do plano de americanização”<sup>31</sup>. Nesse processo os Estados Unidos estava muito mais interessado na preservação do continente americano como parte de seu mercado.

A visita de Josué de Castro aos Estados Unidos trouxe uma série de experiências que foram paulatinamente implementadas pelo Exército Brasileiro. Um ofício da Diretoria de Intendência do Exército continha o seguinte assunto: “Suplemento de Vitaminas no Reforço da ração normal da Campanha”<sup>32</sup>. Nesse documento as pesquisas desenvolvidas pelo STAN foram levadas em consideração. As ideias de Josué de Castro sobre a alimentação racional foram ampliadas a partir da missão aos Estados Unidos e demonstraram uma fragilidade nas rações utilizadas pelo Exército Brasileiro. O documento ainda afirma que “a indústria de desidratação, já se encontra em condições de ser facilmente impulsionada, com o interesse do governo de uma produção certa e de maior volume com assistência da Coordenação de Mobilização Econômica”<sup>33</sup>.

Desse modo, até 1945, Josué de Castro participa não só das atividades de caráter científico e técnico, mas também de espaços mais diretamente ligados aos projetos de interesse estatal<sup>34</sup>. “Assim, é concedido ao intelectual um papel de conselheiro consultivo do Estado”<sup>35</sup>. Nesse sentido, paulatinamente em uma trajetória que se inicia nos anos 1930, “Josué de Castro se torna o principal representante do saber e da política de alimentação no país”<sup>36</sup>. Essa experiência institucional em que serviu ao Estado Novo, as pesquisas nos órgãos administrativos, a vivência acadêmica interdisciplinar na Universidade e a relação com um mundo entre guerras, que estava em ebulição, propiciaram um olhar amplo sobre a alimentação, ou sobre a ausência dela.

### **Geografia da Fome: uma obra denúncia**

A obra mais conhecida de Josué de Castro é o livro *Geografia da Fome*, publicado em 1946 pelas Edições *Cruzeiro*<sup>37</sup> do Rio de Janeiro. Esse livro<sup>38</sup> teve como momento histórico da publicação um ambiente de Pós-Guerra em que a Europa tentava se reerguer e que os debates em torno de políticas públicas de combate a fome provocados pela guerra estavam em circulação. Nesse contexto, os estudos que tratavam da relação entre fome, pobreza e controle alimentar passaram a ter espaço, o que demonstra a circulação, apropriação e intercâmbio de ideias na obra de Josué de Castro, bem como a leitura que fazia do seu tempo.

No entanto, em sua produção do Pós-Guerra há uma significativa mudança de perspectiva analítica que é importante de ser conhecida para seguirmos adiante. O autor passa a demonstrar uma postura crítica em relação aos rumos da política e da economia, em contraste com os seus primeiros escritos, que apresentam apenas uma série de descrições sobre o quadro das condições nutricionais dos operários no Brasil. A partir de meados da década de 1940, Josué de Castro destaca a necessidade de aliar à questão social a produção científica, e propõe algumas medidas para solucionar o problema da fome no país: “a reforma agrária, a mecanização do campo, e o controle da produção, visando atender as necessidades mínimas da população”<sup>39</sup>, estiveram entre as propostas esmiuçadas nas publicações desse período<sup>40</sup>.

Esse trânsito interdisciplinar é importante para compreendermos os meandros da sua obra, bem como as redes intelectuais e políticas que construiu. A atuação como Professor de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia permite a ampliação do debate para além das fronteiras do biológico e do social, sobretudo, a partir dos estudos geográficos.

Em vários artigos publicados no período de 1936 a 1953 Josué de Castro emprega em suas análises o método geográfico, o mesmo ocorre nas diversas conferências e palestras que ministrou, inclusive na Associação dos Geógrafos do Rio de Janeiro. Ao falar na Associação Brasileira de Geografia do Rio de Janeiro (AGB-DF), no final da década de cinquenta, sobre a Operação Nordeste, irá assumir a sua condição de geógrafo<sup>41</sup>.

Ao localizar seus estudos no campo disciplinar da geografia, Josué de Castro interliga, direciona e atualiza sua produção intelectual primeiramente ao nacionalismo do Estado Novo e posteriormente ao nacional-desenvolvimentismo do período democrático. É como geógrafo que obtém (re) conhecimento internacional, estabeleceu ligado a uma corrente possibilista e se tornou um dos fundadores do Centro Universitário de Vincennes em 1968 onde lecionou geografia até o fim da vida.

Sobre o processo de especialização dos intelectuais, Michel Foucault afirmou que o chamado intelectual universal teve seu lugar tomado, principalmente no Pós-Guerra, pelo intelectual específico, alguém que domina um assunto, que é capaz de usar seu conhecimento em qualquer área. Provavelmente, Foucault estava se referindo a trajetória do físico americano Oppenheimer, “que saiu da sua área específica quando atuou como organizador do projeto de bomba atômica de *Los Alamos* em 1942-1945 e depois se tornou uma espécie de comissário de assuntos científicos nos Estados Unidos”<sup>42</sup>. Josué de Castro se construiu como um intelectual ligado a fome, a partir da mobilização de vários campos do saber.

Nesse sentido, o trânsito interdisciplinar e as redes que construiu por meio dessas experiências, nos possibilitou compreender como Josué de Castro deu continuidade ou transcendeu o mundo cultural em que viveu. A partir do conceito de campo intelectual, que pode ser compreendido como uma rede de posições intelectuais variadas, que se definem pelas relações que têm entre si e pelo lugar que ocupam no campo como um todo, a autoridade ou poder simbólico dos agentes intelectuais sendo diferentes e competindo, por assim dizer, pela hegemonia<sup>43</sup>.

A participação de Josué de Castro na proposição de políticas públicas internacionais voltadas para o combate a fome no mundo, foi paulatinamente construída a partir da circulação mundial da sua obra, que teve início em 1948,<sup>44</sup> quando *Geografia da Fome* foi publicada em língua francesa<sup>45</sup> pelas *Éditions Ouvrières*<sup>46</sup>. Os estudos sobre essa publicação, bem como sua circulação em língua francesa, ainda é um tema carente nas produções acadêmicas que envolvem Josué de Castro, significando um campo fértil para futuras pesquisas.

No Brasil, o fim do Estado Novo e a tentativa de reconstrução da democracia significou um momento propício para o lançamento de um livro que promoveu uma denúncia sobre a condição de desnutrição em que a maior parcela da população brasileira vivia. Assim como muitos outros intelectuais que estiveram ligados ao Estado Novo, Josué de Castro não teria muita influência no recém estabelecido Governo Dutra. O processo de construção da nação e do homem brasileiro, já não se constituía como prioridade. Seguindo uma tendência internacional do Pós-Guerra, a preocupação do Estado com os modelos de desenvolvimento passou a ser latente. Josué de Castro fará, posteriormente, a leitura dos novos movimentos e projetos políticos do Estado e adequará sua obras e posicionamentos a partir da noção de desenvolvimentismo dos anos 1950.

A Constituição de 1946 trazia consigo uma convergência internacional favorável a democracia representativa. A participação popular nas eleições foi fortalecida pela extensão do voto para todos os homens e mulheres maiores de 18 anos, sendo obrigatório, secreto e direto<sup>47</sup>. A criação de novos partidos como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Democrático (PSD) ainda que controlados por Vargas, e a cassação do registro do PCB em 1947, traduzem parcialmente o rosto daquela democracia. Os ventos democráticos estão ligados principalmente à proximidade diplomática entre Brasil e Estados Unidos. Pois, de acordo com alguns autores “a diplomacia brasileira não apenas alinhava-se automaticamente com as posições americanas nas organizações internacionais, como as vezes chegava a

exceder-se no apoio”<sup>48</sup>. O Brasil rompeu, em 1947, relações diplomáticas com a União Soviética e passou a compor o combate a subversão comunista, construindo uma democracia por intermédio e controle do modelo americano.

No campo da alimentação, o governo Dutra promoveu uma atenção especial ao abastecimento, em detrimento das instituições que desenvolveram pesquisas no período em que Vargas esteve no poder<sup>49</sup>. Apesar da mudança de direcionamento do governo Dutra, Josué de Castro continuou exercendo a função de autoridade no campo da alimentação no país, porém não gozava do espaço político e científico que obteve anteriormente. As publicações e a experiência internacional na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) serão importantes para lançar suas ideias internacionalmente.

A temática da alimentação na obra de Josué de Castro foi paulatinamente sendo gestada, primeiramente em uma escrita técnica, ligada a participação institucional em organismos estatais. Alguns trabalhos afirmam que embora outros intelectuais, como Gilberto Freyre, tenham tratado do tema da alimentação e descrito detalhadamente o que se produzia e comia no Brasil, Josué de Castro foi o primeiro a tratar do assunto como objeto central de suas investigações e, sobretudo, encaminhando-as como crítica social. Esse pioneirismo é um campo fértil para a criação de mitos fundadores e para a produção de uma memória de exaltação do intelectual, visão que se distancia de como pensamos a história. Os itinerários que levaram Josué de Castro a se engajar nos estudos sobre a alimentação e, posteriormente, no efetivo combate a fome, são movimentos que apresentam subsídios essenciais para a problematização dessa trajetória, fugindo de uma perspectiva simplista da escrita da história.

A trajetória de Josué de Castro como um intelectual que se especializou nos estudos da alimentação e da Nutrição, o acúmulo de conhecimentos em suas experiências institucionais e acadêmicas, colaboraram para a publicação de *Geografia da Fome*. Essa obra será analisada a partir desse momento, tendo como foco o seu prefácio, a materialidade e algumas imagens que a compõem.

### **“Na aurora dessa nova era social”: obra e trajetória na análise de um prefácio**

Os prefácios representam um complexo território de produção das obras literárias, bem como, dizem muito sobre o campo intelectual e o mundo cultural no qual o autor se inseriu<sup>50</sup>.

É importante percebermos seu lugar de fala<sup>51</sup>, e a sua condição de um intelectual que havia estabelecido certa autoridade na área da alimentação no Brasil e, paulatinamente, lançava suas ideias internacionalmente.

Josué de Castro publicou *Geografia da Fome*, em 1946, aos 38 anos. Uma parcela significativa dos textos que compuseram a obra foi escrita durante estadas em uma casa que possuía em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro. Essa obra foi “pensada e está sendo escrita sob a influência psicológica da pesada atmosfera que o mundo vem respirando nos últimos dez anos”<sup>52</sup>. Josué de Castro se refere àqueles tempos sombrios que assolaram a humanidade “com suas catástrofes políticas, seus desastres morais, e seu surpreendente desenvolvimento das artes e ciências”<sup>53</sup>. Nesse sentido, a publicação de *Geografia da Fome* está intrinsecamente ligada ao momento histórico em que o autor vivia. Os discursos que circulavam, as relações entre saber e poder, as demandas sociais, foram condições essenciais para a elaboração do livro. Assim, como “não é possível tornar-se qualquer sujeito em qualquer época”<sup>54</sup>, também não é possível avaliar *Geografia da Fome* sem considerar a época em que foi escrita<sup>55</sup>.

Na primeira página do prefácio, o autor discorre sobre a ausência de trabalhos que tratam do fenômeno da fome e afirma: “o assunto deste livro é bastante delicado e perigoso. A tal ponto delicado e perigoso que se constituiu num dos tabus da nossa civilização”<sup>56</sup>. Nesse sentido, Josué de Castro, por meio dos seus escritos, deixava evidente que “tornar a fome visível, dar a ela um lugar de destaque nas reflexões acadêmicas e nas atuações de organismos nacionais e internacionais era uma forma de buscar soluções para o problema que assolava a humanidade”<sup>57</sup>. O autor questiona quais seriam os mecanismos que levaram a sociedade, as instituições, os intelectuais a silenciarem sobre o tema da fome, seriam esses cúmplices dos interesses políticos e econômicos? Por outro lado, descreve o campo na nutrição como responsável por pesquisas que constatarem que “um terço da humanidade vive em um estado permanente de fome”<sup>58</sup> e também como uma via capaz de fazer o mundo mudar de atitude em relação à fome<sup>59</sup>.

A palavra fome não tem apenas o sentido clássico de falta do alimento necessário para satisfazer o apetite e que pode provocar a morte. O sentido moderno que lhe é atribuído por Josué de Castro inclui a carência de quaisquer dos quarenta elementos nutritivos indispensáveis à salvaguarda e ao equilíbrio da saúde. Se a falta total de alimento constitui uma causa importante da mortalidade (fomes) – inclusive mais importante do que a guerra – o número de vítimas é diminuto se comparado com as debilidades que o regime alimentar defeituoso provoca, terreno ótimo para a proliferação de doenças<sup>60</sup>.

*Geografia da Fome* se apresenta como um livro que contém uma abordagem que se diferencia do pragmatismo dos estudos médicos, restritos apenas às análises do campo da nutrição. A maquinaria utilizada pelo autor para se afastar dos estudos tradicionais foi encontrada com a utilização do método geográfico, que possibilitou problematizar a situação alimentar do Brasil a partir das dimensões regionais. Percebendo a carência de estudos que tratavam da fome a partir de uma perspectiva interdisciplinar, Josué de Castro, buscou essa abordagem teórica que levasse em consideração as questões sociais.

Sobre a utilização do método geográfico, Josué de Castro destaca que ele permite “estudar o problema em sua realidade total, sem arrebentar-lhe as raízes que o ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos”<sup>61</sup>. É importante enfatizar que a corrente geográfica da qual Josué de Castro se aproximou foi o possibilismo<sup>62</sup>. Por meio da geografia possibilista trilhou o caminho para compreender a dimensão social da fome no Brasil. A geografia foi um instrumento que o ajudou a localizar e problematizar as peculiaridades alimentares das diferentes regiões do país. O campo de saber da geografia também foi escolhido por Josué de Castro como instrumento para tornar a fome visível, em uma tentativa de materializá-la por meio dos mapas e da narrativa produzida em *Geografia da Fome*.

No andamento do prefácio, conforme as regras convencionais desse tipo de escrita, as partes do livro são apresentadas. A geografia aparece como elemento constituinte da divisão dos capítulos. Josué de Castro divide o Brasil em cinco regiões que se distinguem da divisão oficial de regiões do país. Nesse caso, os critérios para delimitação são as questões alimentares, as áreas de fome e de subnutrição. Nesse sentido, “ao trabalhar a singularidade regional da fome, ele procurava indicar qual era o grau de profundidade da penúria alimentar de uma parte de seus habitantes e, deste modo, fornecer elementos para que os governantes e as organizações internacionais”<sup>63</sup> desenvolvessem projetos de combate a fome.

É preciso inserir de *Geografia da Fome* em dois caminhos de discussão, o primeiro é o debate em torno do território brasileiro e o outro é a noção de região. Josué de Castro acompanhou os debates em torno da “marcha para o Oeste”<sup>64</sup>, uma vez que durante o Estado Novo, como já vimos, foi um dos intelectuais colaboradores, bem como esteve inserido no prolongamento dessas discussões sobre a ocupação das áreas centrais do território brasileiro, durante a década de 1950. As disputas territoriais acabaram provocando a mudança da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília<sup>65</sup>. Josué de Castro apresentava, também, uma preocupação com a região amazônica<sup>66</sup> que foi uma área de intensas disputas territoriais

durante o regime civil-militar. Para localizar as dietas alimentares de cada região do país, Josué de Castro utilizou como referência o mapa da divisão regional estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1941.

Apesar do interesse da obra *Geografia da Fome* estar centrado nas preocupações da alimentação e da fome, não podemos dissociar os debates em torno do território brasileiro no mapa apresentado: assim, “após a construção do território, fundamento concreto do Estado, este passa a produzir um espaço político, o seu próprio espaço, para exercer o controle social, espaço constituído de normas, leis, hierarquias”<sup>67</sup>. Desse modo, delimitar áreas de carência alimentar também envolve relações de poder, de controle e de interesses estatais. Nesse sentido, a ideia de região também é questionada por Josué de Castro, principalmente quando faz menção ainda no prefácio a região Nordeste do Brasil. Afinal, é preciso compreender a região como um processo de construção, seja realizado pelo discurso científico ou regionalista<sup>68</sup>, pois “definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, pensá-la uma homogeneidade”<sup>69</sup>.

No prefácio, além das influências dos geógrafos possibilistas franceses, Paul Vidal de la Blache, Jean Brunhes e Pierre Deffontaines, Josué de Castro, aponta alguns outros pensadores que foram centrais para a composição dessa obra. Entre esses, cita o filósofo Bertrand Russel, que mais tarde se tornaria um dos seus principais interlocutores. O pensamento de Russel, principalmente no que concerne ao papel do indivíduo naquela sociedade de Pós-Guerra, representa bem a ideia dos intelectuais que acreditavam que eram sujeitos agentes da história e poderiam modificar as estruturas sociais a partir das suas ações. Outro escritor e biólogo britânico, Julian Huxley, primeiro presidente da UNESCO, também é citado como uma influência importante na abordagem do homem. Para Huxley, o homem mudou de estatuto e no Pós-Guerra deixava de ser “econômico” e passava a ser “social”<sup>70</sup>. Nos estudos fisiológicos e na busca pelo seu conceito de fome, Castro teve como influências Schiff, Lucianni, Turró, Cannon, além de romancistas como Knut Hamsun e Alexander Neverov.

Na parte do prefácio dedicada aos agradecimentos, uma rede importante de colaboradores e de interlocutores são apresentados; desde intelectuais reconhecidos até técnicos das instituições por onde Josué de Castro passou. No grupo dos intelectuais destaco Luis da Câmara Cascudo, do Rio Grande do Norte, que desenvolveu inúmeras pesquisas sobre o folclore brasileiro, mas também sobre a alimentação. Edson Carneiro, folclorista

baiano, citado como um importante colaborador, que desenvolveu estudos sobre o Quilombo de Palmares que foram utilizados por Josué de Castro na escrita de *Geografia da Fome*. Thales de Azevedo, antropólogo baiano, e o médico pernambucano estudioso do campo da nutrição, Orlando Parahym. O historiador, e então diretor da Biblioteca Nacional, José Honório Rodrigues<sup>71</sup> foi lembrado por ter facilitado as pesquisas bibliográficas naquela instituição. É importante, também, destacar os agradecimentos que foram feitos à equipe do Serviço Técnico de Alimentação que depois passou a ser vinculado à Universidade do Brasil se transformando no Instituto de Nutrição. Abaixo uma fotografia da equipe desse Instituto.

**Figura 2:** Equipe do Instituto de Nutrição. Josué de Castro está no centro, e a química Emília Pechnik do lado esquerdo da imagem. Década de 1940



Autor: Desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias

Durante a década de 1940, como já foi dito, Josué de Castro transitou por instituições ligadas à área da alimentação. A fotografia registra a equipe de técnicos da área da alimentação em um momento em que a racionalidade dos processos de nutrição se tornaram uma política de Estado<sup>72</sup>. Por outro lado, para Josué era importante divulgar a imagem de um homem de laboratório que fazia ciência. Além de Josué de Castro (1) que está vestido com um terno branco no centro da fotografia, só foi possível identificar a química romena Emília Pechnik (2), que se encontra ao seu lado direito. Os trabalhos dos membros da equipe do Instituto de Nutrição foram essenciais para que Josué de Castro pudesse elaborar o livro *Geografia da Fome*. Em vários momentos da obra, os dados e as pesquisas nutricionais que são citadas, fazem parte do trabalho que estava sendo desenvolvido naquele Instituto. Entre os

membros do Instituto citados no prefácio<sup>73</sup> estão Sálvio de Azevedo, Pedro Borges, Ítalo Mattoso, Emília Pechnik, Isnard Teixeira, José Maria Chaves<sup>74</sup>.

Por fim, Castro agradece ao poeta modernista Augusto Frederico Schmidt “que pôde nele derramar alguns reflexos do seu imenso sentir poético”<sup>75</sup>. Além de um leitor cuidadoso, Augusto Frederico Schmidt, era editor e proprietário da Livraria Schmidt, Editora que publicou algumas obras como *Casa Grande & Senzala*<sup>76</sup> (1933) de Gilberto Freyre e *Caetés* de Graciliano Ramos. Porém, um excerto do prefácio, que intencionalmente deixamos para tratar no final dessa passagem do trabalho, foi a menção de agradecimento que Josué de Castro fez a Gilberto Freyre e ao seu mais conhecido livro *Casa Grande & Senzala*. Ao destacar a contribuição de vários autores nacionais e internacionais escreveu:

Dêstes devo destacar, em primeiro lugar, a Gilberto Freyre que com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, despertou em nosso espírito dois sentimentos, ambos fecundos para o nosso trabalho ulterior no rumo de nossas pesquisas. Um dos sentimentos a que aludimos nasceu da verificação que fizemos da existência de umas tantas falhas, de uma certa deficiência científica no que diz respeito, principalmente a problemas de categoria biológica na obra do grande sociólogo – mais significativa das até então publicadas no país – e do desejo que se viesse a se criar entre nós uma sociologia cada vez mais científica, pondo os fundamentos biológicos dos nossos problemas sociais em pé de igualdade com os seus fundamentos de categoria cultural. (...) O outro sentimento foi de admiração pela liberdade e originalidade com que o novo sociólogo se lança na arena, para discutir problemas tão sérios com um desembaraço tão encantador. Esta impressão consolidou em nosso espírito a ideia de que se iniciava no país uma nova era, na qual seria possível escrever-se sobre o Brasil livros que harmonizassem, num equilíbrio sadio, a experiência científica, a observação rigorosa dos fatos e a elaboração clara dos conceitos explicativos. (...) Por esses dois sentimentos: um, produto da crítica sincera e outro, da emoção admirativa, ambos benéfica influência na criação deste modesto trabalho, apresentamos os nossos agradecimentos ao autor de “Casa Grande e Senzala”.<sup>77</sup>

O discurso utilizado nessa parte do texto traz um agradecimento em tom crítico, e indícios de uma disputa intelectual, pois Josué de Castro se coloca em um patamar de igualdade ao “mestre de Apipucos”. No âmbito do debate intelectual as críticas podem promover fissuras irreparáveis nas relações acadêmicas. O começo dessa querela remonta a década de 1930, quando Josué de Castro publicou “O Problema Fisiológico da Alimentação Brasileira”, que foi alvo de críticas ferrenhas por parte de Freyre<sup>78</sup>. As disputas entre os dois intelectuais estiveram ligadas ao estabelecimento do campo intelectual, principalmente no que concerne às abordagens culturais intrínsecas a obra de Freyre e às análises biológicas e sociais de Castro. Naquele momento, um era médico recém-formado e outro um sociólogo que havia publicado uma obra de impacto no meio acadêmico brasileiro.

Por diversas vezes suas trajetórias se cruzaram, seja na rápida experiência na Universidade do Distrito Federal – Rio de Janeiro, onde foram contemporâneos, ou ainda pelas redes intelectuais próximas. No entanto, os posicionamentos políticos radicalmente divergentes, acirrados, principalmente, entre os 1950 e 1960, promoveram um distanciamento ainda maior, já que Josué de Castro se engajou no campo das esquerdas, enquanto Gilberto Freyre foi um dos que apoiou a deposição de Goulart em 1964. O fato é que, nas edições subsequentes de *Geografia da Fome*, a crítica de Josué de Castro as “tantas falhas, de uma certa deficiência científica” na obra de Freyre não são mais encontradas, demonstrando que os debates intelectuais são datados e influenciados pelas demandas sociais de cada momento histórico.

Nesse prefácio, Josué de Castro apresentou indícios da elaboração de uma futura produção intelectual. A continuidade dos seus estudos e pesquisas faziam parte de um projeto maior, que pretendia estudar as causas da fome no mundo. Como afirmou: “Evidencia-se, assim, a vantagem em dividir didaticamente o trabalho em vários volumes, realizando a sua publicação imediata à proporção que sejam ultimadas as análises das várias áreas geográficas incluídas e encadeadas dentro do plano geral da obra completa”<sup>79</sup>. O autor projetava uma nova obra que circulasse com mais abrangência e que contemplasse a dimensão social da fome em âmbito universal. No pensamento de Josué de Castro a fome não tinha fronteiras, mas se manifestava com peculiaridades específicas em cada região do globo. Nascia a ideia de publicar o livro *Geopolítica da Fome* (1951), problematizando a fome nos cinco continentes.

## Notas

<sup>1</sup>RELATÓRIO FAO. O estado da segurança alimentar e nutricional no Brasil: um retrato multidimensional, 2014. Disponível em [www.fao.org.br](http://www.fao.org.br). Acessado em 16 de setembro de 2016.

<sup>2</sup><http://www.onu.org.br/relatorio-da-onu-fome-diminui-mas-ainda-ha-805-milhoes-de-pessoas-no-mundo-com-desnutricao-cronica/>. Acessado em 16 de setembro de 2014.

<sup>3</sup> Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 na cidade do Recife, faleceu em 1973 em Paris, durante o período em que esteve exilado após o golpe civil-militar de 1964. A sua produção intelectual esteve aliada aos cargos públicos que ocupou como médico, professor universitário, presidente do Conselho Consultivo da FAO, deputado federal, embaixador, e presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento, em Paris (CID).

<sup>4</sup> BARROS, M.S.C; TARTAGLIA, J.C. A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. *Alim. Nutr.*, Araraquara, v.14, n.1, 2003, p. 109-121.

<sup>5</sup> É importante observar que Josué de Castro teve contato primeiramente com a escola americana quando realizou um estágio no *Medical Center* de Nova Iorque e posteriormente se aproximou do Prof. Pedro Escudero.

<sup>6</sup> Destaco a tese de doutorado da historiadora Ana Maria Evangelista que investigou a criação e atuação do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) como instrumento de uma política pública de alimentação e cultura do Estado Novo. EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Arroz e feijão, discos e livros: histórias e memórias do Serviço de Alimentação da Previdência Social, SAPS*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2012.

<sup>7</sup> Carta de Josué de Castro para o Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, Lourival Fontes. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1941. Na carta como presidente dessa instituição Josué de Castro apresenta os preceitos e intenções da Sociedade Brasileira de Alimentação. Estiveram entre os membros de diretoria dessa instituição Raul Pontual, Messias do Carmo, Miguez de Mello, Marcondes Vasconcellos, Ruben Descartes e Thalino Botelho. Arquivo Pessoal Josué de Castro. Fundaj - CEHIBRA. Pasta 76. Correspondências.

<sup>8</sup> GOMES, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 55.

<sup>9</sup> MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997, p.45.

<sup>10</sup> BARROS; TARTAGLIA, A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. Op. Cit, 2003, p. 109-121.

<sup>11</sup> Sobre o SAPS, afirmou o sociólogo Renato Carvalheira: “O SAPS era uma criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio para fazer frente a um decreto-lei que estabelecia a obrigatoriedade das empresas com mais de quinhentos empregados a instalarem refeitórios para os trabalhadores”. NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. A contribuição de Josué de Castro para o sistema e a política nacional de segurança Alimentar e Nutricional. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, p. 608.

<sup>12</sup> GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 196.

<sup>13</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>14</sup> GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Op.Cit, 2011, p. 206-207.

<sup>15</sup> MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op. Cit, 1997, p. 46.

<sup>16</sup> Segundo Ziegler sobre a atuação de Josué de Castro no campo da alimentação, em vários países, no período do Estado Novo: “Durante esse período, Josué de Castro, convidado por governos de diversos países para estudar problemas de alimentação e nutrição, visitou a Argentina (1942), os Estados Unidos (1943), a República Dominicana (1945), o México (1945). ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa*. Geopolítica da Fome. São Paulo: Cortez, 2013, p. 115.

<sup>17</sup> Durante as pesquisas encontrei alguns indícios na documentação sobre a proximidade entre indústrias alimentícias e Josué de Castro. Essa relação proporcionou o financiamento da edição de algumas obras, entre essas, está “Fisiologia dos Tabus”, publicada em 1938. Esse ensaio, correlaciona fisiologia, antropologia e psicologia para a pesquisa das restrições alimentares tradicionais da cultura brasileira. O conceito de Pavlov de reflexo condicionado é aplicado aos hábitos alimentares. Posteriormente, o ensaio será incluído na coletânea Ensaio de Biologia Social. Arquivo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-CEHIBRA. Pasta 76. Correspondências.

<sup>18</sup> Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, na formação do estado intervencionista no Brasil, houve uma forte aproximação com o empresariado brasileiro. O Estado Novo tinha como preceito reconhecer o capital, a propriedade privada e a importância da livre iniciativa empresarial. GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Op.Cit, 2011, p. 205.

<sup>19</sup> CASTRO, Anna Maria. *Nutrição e desenvolvimento: análise de uma política*. Tese para o concurso de livre docência em Sociologia: Instituto de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1977, p. 121.

<sup>20</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 109-110.

<sup>21</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. O Breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 51.

<sup>22</sup> A Liga das Nações foi uma organização internacional criada em abril de 1919, quando a Conferência de Paz de Paris adotou seu pacto fundador, posteriormente inscrito nos demais tratados de paz, ver: BERTRAND, Maurice. *A ONU*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

<sup>23</sup> MELO, José Marques. *Conferência proferida na solenidade de abertura da COMSAÚDE 2004 – VII Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde*, na noite de 11 de agosto, promovida pela Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação, em parceria com três universidades pernambucanas: UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, UFRPE – Universidade Federal de Pernambuco e AESO – Centro de Estudos Superiores Barros Melo.

<sup>24</sup> Sobre os debates em torno da fome e o agravamento das condições de subnutrição no Pós Guerra afirmou o historiador Henrique Carneiro: “Essa situação alterou-se após o segundo pós-guerra, quando ocorreu uma verdadeira “descoberta” da fome mundial, paralela ao processo de independência dos países coloniais. Como explica o geógrafo Yves Lacoste”: “enquanto existiam os elos estreitos da dominação colonial, e enquanto se procurava mantê-los por bem ou por mal, admitir que as populações colonizadas estavam na miséria era, em certa medida, reconhecer o fracasso desta famosa missão civilizadora, álibi ideológico da colonização”. Esta “descoberta” levou a tentativas de conceituá-la em seus diversos níveis como fomes agudas, subalimentação crônica ou fome oculta (carência qualitativas de proteínas ou vitaminas)”. CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade*. Uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 24.

<sup>25</sup> A aliança entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, além de ter sido proporcionada pelo interesse estratégico dos americanos, também foi provocada pelos possíveis afundamentos de navios brasileiros por alemães. FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005, p. 71.

<sup>26</sup> Uma carta da Embaixada dos Estados no Rio de Janeiro datada de maio de 1943, assinada por John F. Simmons. Cônsul da Embaixada, convidando Josué de Castro para realizar um período de estudos sobre os problemas de nutrição nos Estados Unidos foi encontrada durante as nossas pesquisas. “Cópia. Embaixada dos Estados Unidos da América. Rio de Janeiro, Maio de 1943. Acervo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-Cehibra. Correspondências. Pasta 76.

<sup>27</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de Agosto de 1943, p. 2. Acervo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-Cehibra. Pasta 76.

<sup>28</sup> A historiadora Eliana Ferreira Dutra nos traz informações importantes sobre a linha editorial dos periódicos cariocas *A Noite* e *A Manhã*: “Ainda no campo editorial, retornando ao DIP, outra linha de atuação privilegiada foi a imprensa, que teve dois porta-vozes oficiais nos jornais *A Noite*, entregue à direção do poeta Menotti Del Picchia, e *A Manhã*, dirigido pelo também poeta Cassiano Ricardo, ambos oriundos dos grupos modernistas paulistas “verde-amarelo” e “anta” e fortes adeptos de um nacionalismo de tradição ufanista. (...) A linha que imprimiram às matérias políticas e culturais dos jornais que controlavam defendia as ideias que professavam, em sintonia com a política do Estado com o qual colaboravam. Assim, a política deveria se subordinar aos fatores tradicionais, étnicos e culturais do povo brasileiro, de maneira a assegurar a harmonia nacional e o ideal de brasilidade”. DUTRA, Eliana de Freitas. *Cultura In: GOMES, Angela de Castro de. História do Brasil Nação: 1808-2010*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Fundação Mafpre & Editora Objetiva, 2013, p. 259-260.

<sup>29</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de Agosto de 1943, p. 2. Acervo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-Cehibra. Pasta 76.

<sup>30</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de Agosto de 1943, p. 3.

<sup>31</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 19.

<sup>32</sup> Ofício Nº 52- S/3. Armas da República Ministério da Guerra. Diretoria de Intendência do Exército. Capital Federal, 17 de novembro de 1943. Acervo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-Cehibra. Pasta 76.

<sup>33</sup> Idem, ibdem.

<sup>34</sup> As atividades institucionais de Josué de Castro até meados da década de 1940 impossibilitaram a publicação de novos trabalhos. O autor continua escrevendo artigos e ensaios sobre o tema da alimentação. Esses artigos trazem informações sobre o debate nacional em torno da alimentação. Entre esses escritos estiveram: *Vitamina para o Brasil*. Observador Econômico e Financeiro, 1941, n.º 68; *Pão e Guerra*. Separata de Resenha Clínico-Científica. São Paulo, 10 de outubro de 1943, *Indústria de desidratação dos alimentos*. Estudos econômicos, Rio de Janeiro, 1944, n.º 3.

<sup>35</sup> ROLLAND, Denis. O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle de culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras. In: BASTOS, Elide Rugai. RIDENTI, Marcelo. ROLLAND, Denis (Orgs). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 87.

<sup>36</sup> MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op. Cit, 1997, p. 47.

<sup>37</sup> *As Edições Cruzeiro* foi uma editora pertencente ao grupo do Diário Associados, fundada em 1941, era do mesmo grupo e possuía o mesmo nome de uma importante revista de variedades intitulada *O Cruzeiro* que circulou de 1930 até 1975. Na contracapa da primeira edição do livro *Geografia da Fome* encontramos a seguinte inscrição: “Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica O CRUZEIRO S.A., Rua do Livramento, 191, Rio de Janeiro, para a sua “Seção de Livros”. Superintendente – Leão Gondim de Oliveira. Diretores – Frederico G. Chateaubriand e Antonio Accioly Netto. Em dezembro de 1946”. CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome. A Fome no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

<sup>38</sup> MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op. Cit, 1997, p. 47.

<sup>39</sup> MAGALHÃES, Rosana. *Fome: Op. Cit, 1997, p. 53.*

<sup>40</sup> Em uma reportagem o periódico do *Diário Trabalhista*, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1946, Josué afirmou: “Combate ao latifúndio e reforma agrária para combater a fome no Brasil”.

<sup>41</sup> Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: para uma poética da fome*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998, p. 278.

<sup>42</sup> SAID, Edward. *Representações do Intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 24.

<sup>43</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, p. 19.

<sup>44</sup> Em 1948 foi publicada a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* que tem em seu Artigo XXV menciona questões relativas a importância da alimentação como direito fundamental: “1. Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário,

habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle”. Disponível em <http://www.dudh.org.br/declaracao/>. Acessado em 30 de janeiro de 2014.

<sup>45</sup>Sobre o ambiente intelectual da Europa e principalmente em Paris nos anos que sucederam a Segunda Guerra Mundial afirmou o historiador Tony Judt: “Enfim, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, só poderia haver uma localidade adequada para a vida intelectual européia: somente uma cidade, uma capital nacional cujas obsessões e divisões podiam refletir e definir a condição cultural do continente como um todo. As correntes estavam ocupadas, destruídas, ou tinham se tornado provincianas. Desde a década de 1920, à medida que os Estados europeus tombavam diante de seus ditadores, os refugiados políticos e intelectuais exilados dirigiam-se a França”. JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 221.

<sup>46</sup> A obra *Geografie de la faim* publicada pelas *Éditions Ouvrières* foi consultada na Biblioteca Nacional da França (BNF).

<sup>47</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: Op. Cit, 2013, p. 145.

<sup>48</sup>VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do Nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente (1945-1964). In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 199-200.

<sup>49</sup> Sobre o esvaziamento das instituições voltadas para a questão alimentar no Brasil no governo Dutra ver: NATAL, Jorge Luiz Alves. *Questão Alimentar Nutricional na Política e Economia (1930-1976)* - um Vaivém na Periferia da Agenda Pública. Dissertação de Mestrado, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1982.

<sup>50</sup>BURKE-PALHARES, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. Op.Cit, 2005: 25.

<sup>51</sup>O lugar social do autor está ligado à produção do discurso com as condições institucionais, políticas, e acadêmicas. Dessa forma, se faz necessário compreender as articulações entre um saber e um lugar. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

<sup>52</sup>CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome. A Fome no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946, p. 26.

<sup>53</sup>ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.7.

<sup>54</sup>VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.189.

<sup>55</sup>O historiador Tony Judt traz informações sobre a escassez de alimentos na Europa do Pós-Guerra: “No início de 1947, ficou claro que as decisões mais difíceis ainda não tinham sido tomadas, e que não podiam mais ser adiadas. Para começar, o problema fundamental de provisão de alimento ainda não fora sanado. A escassez de víveres era endêmica, exceto na Suécia e na Suíça. Não fossem os suprimentos da Administração das Nações Unidas para Auxílio e Restabelecimento (ANUAR), estocados durante a primavera de 1946, os austríacos teriam passado fome nos 12 meses seguintes. A provisão de calorias na Zona Britânica da Alemanha caiu de 1.500 por dia, por adulto, em meados de 1946, para 1.050, no início de 1947. Os italianos, que padeceram de fome dois anos seguidos, em 1945 e 1946, apresentavam, na primavera de 1947, níveis nutricionais médios inferiores aos de todas as populações do Oeste Europeu. Em pesquisas de opinião realizadas na França ao longo de 1946, os itens “alimentação”, “pão” e “carne” superavam todos os demais enquanto principal preocupação do povo”. JUDT, Tony: *Pós-Guerra*: Op. Cit, 2011, p. 89-90.

<sup>56</sup>CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 13.

<sup>57</sup>REZENDE, Maria José de. Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro. *Cadernos de Estudos Sociais*. Vol. 19, n.2, jul./dez., 2003, p. 227-245.

<sup>58</sup>CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, p. 18.

<sup>59</sup>Aqui podemos lembrar o trabalho do historiador Tony Judt quando trata do engajamento dos intelectuais. “O século XX foi o século do intelectual: o próprio termo passou a ser usado (pejorativamente) na virada do século, e desde o início descrevia homens e mulheres do mundo acadêmico, literário e de outras artes, que se dedicavam ao debate e a influenciar a opinião pública e a política. O intelectual era por definição comprometido – “engajado”: normalmente em um ideal ou projeto”. JUDT, Tony. *Reflexões sobre um século esquecido, 1901-2000*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 25.

<sup>60</sup>TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1974, p. 42.

<sup>61</sup>CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 16.

<sup>62</sup>A escola francesa de geografia, conhecida também como escola “possibilista”, foi criada por Paul Vidal de la Blache e acreditava na possibilidade de haver influências recíprocas entre o homem e o meio natural. Ela traz o termo possibilismo, que foi elaborado pelo historiador Lucien Febvre para diferenciar a geografia francesa dos trabalhos influenciados pelo determinismo ambiental, da escola alemã.

<sup>63</sup>REZENDE, Maria José de. *Geografia da Fome: um estudo pioneiro sobre a fome no Brasil*. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, p. 482.

<sup>64</sup> Em 1940, durante o Estado Novo, Getúlio Vargas lançou uma campanha intitulada "Marcha para o Oeste", que tinha como objetivo buscar integrar territorialmente o país. Sobre a "marcha para o Oeste" ver os trabalhos: RICARDO, Cassiano. *Marcha Para Oeste: a influência da bandeira na formação social política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940. LENHARO, Alcir. *Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. Campinas: Editora da Unicamp, 1986. LOPES, Sérgio. *O Território do Iguacu no contexto da "Marcha para Oeste"*. Cascavel: Editora da Unioeste, 2002.

<sup>65</sup> Entre outros sobre os processos que levaram a transferência da capital federal brasileira do Rio de Janeiro para Brasília, ver: HOLSTON, John. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

<sup>66</sup> Sobre os projetos de colonização na região amazônica implementados pela iniciativa privada com o apoio dos incentivos fiscais do governo federal durante a ditadura civil-militar, ver: GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do ouro verde*. Política de Colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá/MT: Ed. Unicem (Apoio Unesco), 2002.

<sup>67</sup> BECKER, Bertha. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 26.

<sup>68</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006, p. 24.

<sup>69</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 124-130.

<sup>70</sup> Manuel Correia de Andrade comenta a percepção de Josué de Castro na mudança de categoria de análise do homem no Pós-Guerra: "Sendo um pensador com grandes preocupações sociais a ponto de admitir que o período entre as duas guerras mundiais foi o de domínio do econômico, enquanto aquele iniciado com o fim da Segunda Guerra Mundial seria o do homem social, procurou sempre desenvolver o seu raciocínio e a sua ação em função de uma política de bem-estar social. Tal política foi seguida na Europa por vários países, com a formação de governos trabalhistas, sociais-democratas, socialistas e com a expansão do sistema soviético na Europa Oriental. Admitia que a humanidade caminhava para uma sociedade mais justa, com melhor distribuição das riquezas e com o atendimento de aspirações mínimas de educação e saúde". ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo. *Estudos Avançados*. 11 (29), 1997, p. 169-194.

<sup>71</sup> Sobre a vida e a obra de José Honório Rodrigues ver: RODRIGUES, Lêda Boechat. MELLO, José Octávio de Arruda Mello. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

<sup>72</sup> Sobre o posicionamento ideológico do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil que pesavam no desenvolvimento social, aliado a questões econômicas e biológicas ver: BIZZO, Maria Leticia G.; LIMA, Nísia Trindade. O projeto civilizatório nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, 1946-1960. *Perspectivas (UNESP)*, v. 37, n. 1, 2010, p. 191-209.

<sup>73</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 26.

<sup>74</sup> Nesse grupo de colaboradores do Instituto de Nutrição destaca-se a química romena Emília Pechnik que coordenava a "Seção de Pesquisas Biológicas" e que trouxe a sua experiência com pesquisas alimentares na Europa para o Brasil. O médico paraense com especialização no campo da Nutrição na Argentina, Pedro Borges, era o responsável pela Seção de Pesquisas Sociais e Educação Alimentar, dedicado aos temas da produção de alimentos e da alimentação deficiente de determinados grupos da população brasileira, ver: BIZZO, Maria Leticia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local: atores e ideias na interlocução entre nutrição e país (1932-1964)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2012.

<sup>75</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 42.

<sup>76</sup> A historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke comenta a dimensão interdisciplinar da principal obra de Gilberto Freyre. "A importância da "evidência científica" que Freyre apresentara em sua obra de 1933 já foi muito bem assinalada por Thomas Skidmore (1993, p.191, 274). Sem dados de cientistas brasileiros de várias áreas – nutrição, antropologia, medicina, psicologia, sociologia e agronomia – que apontavam os problemas sociais e não a raça como responsáveis pelos males do país, teria sido impossível Casa Grande & Senzala exercer a extraordinária influência que exerceu". BURKE, PETER. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Repensando os trópicos*: São Paulo: Editora da UNESP, 2005, p. 336.

<sup>77</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 43.

<sup>78</sup> Os debates intelectuais sobre a abordagem biológica ou cultural travados respectivamente entre Gilberto Freyre e Josué de Castro durante a década de 1930, ver: SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro, pensamento e ação: a gênese do plano de segurança alimentar*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2010.

<sup>79</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 27.

---

## Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo. *Estudos Avançados*. 11 (29), 1997, p. 169-194.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BARROS, M.S.C; TARTAGLIA, J.C. A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. *Alim. Nutr.*, Araraquara, v.14, n.1, 2003, p. 109-121.
- BECKER, Bertha. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BERTRAND, Maurice. *A ONU*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.
- BIZZO, Maria Letícia G.; LIMA, Nísia Trindade. O projeto civilizatório nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, 1946-1960. *Perspectivas (UNESP)*, v. 37, n. 1, 2010, p. 191-209.
- \_\_\_\_\_, Maria Letícia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local: atores e ideias na interlocução entre nutrição e país (1932-1964)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009
- BURKE, PETER. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Repensando os trópicos*: São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
- CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade. Uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CASTRO, Anna Maria. *Nutrição e desenvolvimento: análise de uma política*. Tese para o concurso de livre docência em Sociologia: Instituto de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1977.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome. A Fome no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- \_\_\_\_\_, François. *Renascimento do Acontecimento: um desafio para o historiador: entre a esfinge e a fênix*. São Paulo: Editora da UNESP, 2013.
- DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura In: GOMES, Angela de Castro de. *História do Brasil Nação: 1808-2010*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Fundação Mafpre & Editora Objetiva, 2013.
- EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Arroz e feijão, discos e livros: histórias e memórias do Serviço de Alimentação da Previdência Social, SAPS*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2012.
- FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.
- GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- \_\_\_\_\_, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos. O Breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- HOLSTON, John. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- \_\_\_\_\_, Tony. *Reflexões sobre um século esquecido, 1901-2000*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- LENHARO, Alcir. *Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.
- LOPES, Sérgio. *O Território do Iguazu no contexto da "Marcha para Oeste"*. Cascavel: Editora da Unioeste, 2002.
- MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.
- NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. A contribuição de Josué de Castro para o sistema e a política nacional de segurança Alimentar e Nutricional. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- NATAL, Jorge Luiz Alves. *Questão Alimentar Nutricional na Política e Economia (1930-1976) - um Vaivém na Periferia da Agenda Pública*. Dissertação de Mestrado, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1982.
- NETO, Regina Beatriz. *A lenda do ouro verde*. Política de Colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá/MT: Ed. Unicem (Apoio Unesco), 2002.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
- RELATÓRIO FAO. O estado da segurança alimentar e nutricional no Brasil: um retrato multidimensional, 2014.
- REMIGIO, Elizabet Soares de Souza. *As Brigadas Muralistas e as campanhas de Arraes*. Recife: CEPE, 2016.
- REZENDE, Maria José de. Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro. *Cadernos de Estudos Sociais*. Vol. 19, n.2, jul./dez., 2003, p. 227-245.
- \_\_\_\_\_, Maria José de. *Geografia da Fome: um estudo pioneiro sobre a fome no Brasil*. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- RICARDO, Cassiano. *Marcha Para Oeste: a influência da bandeira na formação social política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.
- ROLLAND, Denis. O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle de culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras. In: BASTOS, Elide Rugai. RIDENTI, Marcelo. ROLLAND, Denis (Orgs). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- SAID, Edward. *Representações do Intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro, pensamento e ação: a gênese do plano de segurança alimentar*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2010.
- SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: para uma poética da fome*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.
- TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1974.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*. A americanização do Brasil da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- 
- VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do Nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente (1945-1964). In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa. Geopolítica da Fome*. São Paulo: Cortez, 2013.